



XXI ENANCIB

Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação

50 anos de Ciência da Informação no Brasil:
diversidade, saberes e transformação social

Rio de Janeiro • 25 a 29 de outubro de 2021

XXI Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação – XXI ENANCIB

GT 3 – Mediação, Circulação e Apropriação da Informação

COMO COMBATER A DESINFORMAÇÃO A PARTIR DA BIBLIOTECA UNIVERSITÁRIA

HOW TO COMBAT DISINFORMATION FROM THE UNIVERSITY LIBRARY

Bruna Heller - Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)

Jussara Borges - Universidade Federal da Bahia (UFBA)

Modalidade: Resumo Expandido

Resumo: As bibliotecas são espaços de confiança informacional. Representam, assim, espaços potenciais para combater a desinformação. O presente artigo apresenta proposições de ações para o enfrentamento da desinformação em bibliotecas universitárias que se referem à educação para a informação. O levantamento das ações apontou para iniciativas já consolidadas em algumas bibliotecas universitárias, evidenciando que esses são espaços potenciais para o fortalecimento da verdade, da ciência e da valorização da informação.

Palavras-chave: *desinformação; bibliotecas universitárias; educação para a informação.*

Abstract: Libraries are spaces of informational trust. Thus, it's represent potential spaces to fight disinformation. This article presents proposals for actions to combat disinformation in university libraries that refer to education for information. The survey of actions pointed to initiatives already consolidated in some university libraries, showing that these are potential spaces for the strengthening of truth, science and the valorization of information.

Keywords: *disinformation; university libraries; education for information.*

1 INTRODUÇÃO

A internet e suas possibilidades de produção e consumo de informações alavancaram o volume de conteúdos disponíveis. Esse contexto, em convergência com uma cultura imediatista, que valoriza a rapidez nos diálogos, a preferência por vídeos e textos curtos e a urgência por respostas prontas, representa um terreno fértil para a disseminação da desinformação.

A desinformação caracteriza-se como uma informação imprecisa com ou sem intenção de enganar. No inglês há duas expressões com significados distintos: *disinformation* seria a desinformação com intenção de enganar, enquanto *misinformation* é uma informação equivocada sem a intenção (FALLIS, 2015). Em nossos estudos (HELLER; JACOBI; BORGES, 2020), identificamos a desinformação como um tipo de informação com diferentes tipologias.

A biblioteca universitária pode ser um espaço privilegiado de combate à desinformação, pois atua, entre outros, na formação de profissionais que estarão em diversos segmentos da sociedade e, portanto, podem perpetuar uma cultura de valorização da informação, da verdade e da ciência. Logo, as bibliotecas universitárias podem contribuir possibilitando ações de educação para a informação (PERROTTI; PIERUCCINI, 2007), promovendo as competências infocomunicacionais (BORGES; OLIVEIRA; 2011), assim como outras iniciativas já tradicionais nesse tipo de biblioteca, como ações culturais e um forte serviço de referência.

Assim, o presente trabalho tem por objetivo descrever algumas ações de enfrentamento à desinformação que podem ser aplicadas em bibliotecas universitárias. Para tanto, inicia-se com duas breves seções teóricas que demonstram a compreensão de desinformação com a qual este artigo trabalha, bem como o papel da biblioteca universitária que se tem em mente.

2 A ERA DA DESINFORMAÇÃO

Diferente de acesso à informação é a sua apropriação. Há uma vasta disponibilidade de recursos na rede para acesso. Assim, quando um indivíduo se apropria da informação – e não meramente a acessa – ele desenvolve o acesso cognitivo à informação, ou seja, faz conexões com a sua própria bagagem intelectual para que aquela informação faça sentido para ele. A apropriação, contudo, não se encerra na compreensão cognitiva, mas avança para o pensamento crítico, visto que a partir da compreensão, o sujeito aprende, mas também constrói o seu próprio significado sobre determinado assunto e passa a utilizar as informações para além de uma internalização. A informação se torna, nesse sentido, uma potente ferramenta para vida em sociedade, para busca de direitos, para refletir sobre a sua própria experiência enquanto cidadão, aluno etc. O pensamento crítico se formula à medida em que há a apropriação das informações.

Em pesquisa do Senado Federal (2019), dentre os brasileiros que possuem acesso à rede, 79% relataram que se informam através do aplicativo de conversas instantâneas WhatsApp. Portanto, o WhatsApp, originalmente um meio de comunicação, se reverteu na cultura brasileira em uma fonte de informação. Contudo, as informações disseminadas não passam por qualquer filtro de checagem, e podem não ser confiáveis. Assim, este dado surpreende como fonte de informação primeira da população brasileira uma mídia social.

Portanto, a preocupação atual deslocou-se do acesso à informação para a capacidade cognitiva de compreender a mensagem e ao senso crítico para selecionar informação

confiável. Para Bezerra e Beloni (2019), o olhar crítico para a informação é a capacidade intelectual de julgamento frente à informação, tendo em vista a possibilidade de o indivíduo agir para mudar determinada situação. Sem senso crítico, a sociedade facilmente se coloca submetida à manipulação de informações, induções, as chamadas *fake news*, entre outros, que são exemplos de desinformação (WARDLE, 2016). Estas permeiam os mais comuns meios de comunicação da sociedade contemporânea brasileira, como grupos de WhatsApp, que trazem inúmeras notícias enganosas. Para Holmes (2018, não paginado, tradução nossa): “Na ausência de um olhar crítico, as falsidades podem prosperar e prosperam.”.

Neste cenário, não predomina para boa parte da população a verdade factual. É o caso de exemplos como a defesa do uso da hidroxicloroquina no combate à Covid-19: uma informação que não é comprovada cientificamente e que viralizou porque mexeu com as emoções em um momento de abalo na saúde, terreno fértil para a pós-verdade.

A predisposição da pós-verdade em elevar as opiniões pessoais a fatos torna-se um catalisador para a disseminação de desinformação, principalmente no campo político ideológico. D’Ancona (2018) e Kakutani (2018), jornalistas que estudam o fenômeno, destacam que o governo Trump foi um marco para essa proliferação. Em diversos países no mundo e em diversos períodos históricos se tem exemplos de governos que buscam a suscetibilidade de seu povo à manipulação, contudo parece que nunca houve tanta margem para tal. Para Cruz (2019), um dos maiores desafios para a democracia brasileira em tempos digitais é lidar com a “ideia de que é possível manipular a vontade popular – e, assim, a democracia representativa – a partir da disseminação de ‘notícias falsas’.” (CRUZ, 2019, p. 25).

Demo (2000, p. 39) ressalta “[...] quando construímos a informação, procedemos seletivamente perante um cabedal por vezes transbordante disponível de dados, ou seja, selecionamos o que é possível captar, sem falar que preferimos o que nos interessa”. Nasce, então, o principal objeto da pós-verdade: a desinformação. O autor compreende que “Desinformar faz parte da informação, assim como a sombra faz parte da luz” (DEMO, 2000, p. 39).

O que muda nos dias de hoje é que a internet propiciou celeridade e diversidade de fontes de informação, mas também estimulou um comportamento de imediatismo: “[...] as pessoas abdicam de comparar diversas fontes e ter o conteúdo completo para ficar com a informação oferecida mais rapidamente, na primeira página, ou a informação enviada por terceiros” (HELLER; JACOBI; BORGES, 2020, p. 192).

A convivência ou a indiferença frente à desinformação representa uma mudança de comportamento informacional que não deve ser ignorada. Constitui uma mudança significativa nos padrões éticos que não tem espaço para discussão no âmbito deste artigo, mas que deve ser registrada. Uma vez que as sociedades democráticas são fundadas em valores éticos, como honestidade, respeito e justiça, são suas próprias bases que são abaladas se já não importa disseminar inverdades.

3 O PAPEL DAS BIBLIOTECAS UNIVERSITÁRIAS

As bibliotecas universitárias (BUs) surgiram pouco antes do Renascimento em uma conjuntura de base religiosa. Logo, entretanto, começaram a apresentar conteúdos para além da religiosidade, se aproximando do que hoje é o conceito atual de biblioteca: “espaço de acesso e disseminação democrática de informação” (MORIGI; SOUTO, 2005, não paginado).

Uma das tipologias mais reconhecidas (MILANESI, 1983), as BUs avançaram do papel de difusoras do conhecimento para a promoção do acesso cognitivo à informação. Além disso, as BUs contribuem com a qualificação acadêmica dos indivíduos, pois auxiliam no processo ensino-aprendizagem, conforme descrevem Amaral e Correa (2020).

Ferreira (1980) coloca questões acerca do papel das universidades, sendo uma delas que a educação prepara agentes de mudanças sociais, logo, “[...] os sistemas educacionais devem estar em perfeita sintonia com a realidade e as necessidades do país” (FERREIRA, 1980, p. 2). O autor acrescenta que, para a universidade alcançar essa transformação nos sujeitos, é preciso estar preparada para a mudança de universitário para agente positivo na sociedade.

Dessa forma, cita as bibliotecas como “[...] um dos instrumentos essenciais ao processo ensino/aprendizagem.” (FERREIRA, 1980, p. 5), já que nas universidades as bibliotecas têm um papel não só de promoverem acesso à informação. Ferreira (1980) evidencia também a questão de que a biblioteca escolar nem sempre é equipada o suficiente como as BUs, o que compromete a excelência no funcionamento de todos os níveis de ensino.

Normalmente, as BUs são a tipologia de bibliotecas que mais recebem investimentos devido a interesses institucionais, já que as instituições recebem visitas do Ministério da Educação (MEC) e do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP) para avaliações do ensino superior e dos cursos de graduação, assim como da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes) para a pós-graduação.

As avaliações, segundo Amaral e Correa (2020), demandam das BUs bom desenvolvimento de coleções e boa oferta de serviços, itens considerados no instrumento.

Nesse sentido, apoiando as ideias de Amaral e Correa (2020), entende-se neste estudo que as BUs vão além de um espaço, representando um meio, ou seja, um caminho para alcançar não só a educação acadêmica, como a educação para a informação, que tem como fim a apropriação da informação, envolvendo a construção de sentidos e significados para o sujeito a partir de sua história sociocultural (PERROTTI; PIERUCCINI, 2007).

Embora perceba-se que as BUs acompanharam a evolução da história social, Morigi e Souto (2005, não paginado) destacam que “os processos de mudança para laicização, democratização, especialização e socialização da biblioteca ocorreram lenta e continuamente.” E continuam lentos. Os bibliotecários, por muito tempo, focaram no atendimento das necessidades informacionais acadêmicas, não protagonizando a disseminação de outras ações, como as socioculturais e a educação para a informação.

Milanesi (1983, p. 72) diz que “[...] a universidade e a biblioteca refletem-se”, pois acredita que a qualidade de uma instituição possa ser medida com a excelência de sua biblioteca. Há de se pensar que é imprescindível que as universidades e suas bibliotecas, promovam a função social e educativa. Mas como praticar essa função social e educativa?

4 PROPOSIÇÕES DA ATUAÇÃO DA BIBLIOTECA UNIVERSITÁRIA FRENTE À DESINFORMAÇÃO

Lindemann (BIBLIOTECONOMIA..., 2020) auxiliou pessoas na busca por informação acerca do Benefício Emergencial (Bem), promovido pelo Governo Federal como um auxílio financeiro. Os motivos para a inacessibilidade eram diversos: indivíduos sem acesso à internet ou sem competências operacionais (como fazer download de aplicativo, ou manusear um smartphone), além de apresentarem dificuldades para acessar à informação.

No vídeo “O direito de compreender” (O DIREITO..., 2011), Sandra Fischer-Martins também apresenta pontos consonantes aos de Lindemann, ao demonstrar o quanto a informação está disponível, mas não acessível. Os governos de diversos países disponibilizam informações em sites de transparência, mas o que de fato está cognitivamente acessível ao público leigo? De que adianta informações abundantes se não há a possibilidade de compreensão? Ambos os exemplos ressaltam a função social e educativa dos bibliotecários frente ao contexto informacional:

A Biblioteconomia, portanto, permanece como um campo em constante expansão e adaptação, com um papel social cada vez mais afluído para auxiliar os indivíduos a compreenderem a realidade onde estão inseridos e a promover as mudanças necessárias. A função técnica da área continua importante, mas a função educadora e social da biblioteca é elevada e cada vez mais necessária para contribuir no desenvolvimento dos indivíduos tanto em sua capacidade pessoal e profissional como também em uma dimensão coletiva enquanto cidadão capaz de alterar a realidade onde vive de forma crítica e atuante. (AMARAL; CORREA, 2020, p. 6)

A partir da colocação de Amaral e Correa (2020), percebe-se que dentre as funções sociais e educativas das bibliotecas está o enfrentamento da desinformação. No momento em que as bibliotecas são capazes de contribuir para a formação da cidadania e auxiliar na formação do cidadão crítico, podem preparar o indivíduo para a atuação em sociedade. A BU pode promover experiências para além da sala de aula.

Assim, defende-se neste trabalho que um dos caminhos para o enfrentamento da desinformação e conseqüentemente para a democratização do acesso cognitivo à informação é a promoção de competências infocomunicacionais, que se refere à convergência da competência operacional, em informação e em comunicação (BORGES, 2018). A competência em informação tem um amplo leque de estudos na Ciência da Informação no Brasil (a exemplo de Bezerra e Beloni, 2019). Contudo, neste trabalho, destacamos a inter-relação entre comunicação e informação (WOLTON, 2010), de sorte que as competências infocomunicacionais atendem a questões que lidam com a informação assim como com a comunicação, como, por exemplo, avaliar a informação e, partir disso, determinar se e para qual grupo de mensagens instantâneas essa informação é útil.

Um exemplo de ação foi promovido pelo Grupo de Pesquisa em Comportamento e Competências Infocomunicacionais (InfoCom/UFRGS¹) em 2020. O Grupo promoveu um curso de extensão de Promoção de Competências Infocomunicacionais no Ensino Superior que qualificou 150 estudantes de Biblioteconomia e bibliotecários de todo país. À distância, o curso, com 13 aulas, foi ministrado por professores de três áreas do conhecimento (CI, Comunicação e Educação). Um dos objetivos do curso era o de sensibilizar e capacitar os participantes na promoção dessas competências com os públicos com que atuam.

Outra ação vem do Sistema de Bibliotecas da UFRGS que, a partir do Super 8² - um programa de extensão por meio de uma série de capacitações - promove o desenvolvimento

¹ Disponível em: <https://www.ufrgs.br/infocom/>

² Disponível em: <https://www.ufrgs.br/super8/o-curso/>. Acesso em: 02 jun. 2021.

de competência em informação. Com 15 módulos, o programa busca a autonomia dos seus participantes, de modo que contribua para a pesquisa científica, mas também reflita sobre a ética na pesquisa, sobre a avaliação da informação e a comunicação científica.

Outra iniciativa que as BUs podem promover é o uso de mídias sociais (veículo muito popular entre o público jovem e universitário) para a educação para a informação. Para fins de ilustração da proposição, utilizaremos a iniciativa do InfoCom, conforme ilustra a figura 1. Na descrição, que foi publicada a cada semana, era explicado o conceito em questão, com uma linguagem apropriada para esse formato de comunicação.

Figura 1 – Postagens das mídias sociais do InfoCom/UFRGS



Fonte: InfoCom UFRGS (2020).

Outra iniciativa de popularização da ciência, especialmente durante a pandemia, foram os vídeos em formato de *live*. O canal WebConcib³, gerenciado por pesquisadores da área da Ciência da Informação, promoveu uma série de *lives* a fim de convidar pesquisadores para discutir seus estudos. Tratam de assuntos relacionados à desinformação, *fake news*, pós-verdade e competências infocomunicacionais. É um bom material didático para as BUs promoverem exposições, debates e cursos direcionados à educação para a informação.

Outra iniciativa potencial para BUs é a proposta da Comissão de Confiabilidade Informacional e Combate à Desinformação no Ambiente Digital (CIDAD), promovida pela Biblioteca Central da Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC. O seu objetivo é

Planejar, executar e institucionalizar pesquisas, ações e serviços da Biblioteca Universitária sobre confiabilidade informacional e o combate à desinformação, na forma de: Realização de capacitações; Produção de tutoriais e materiais didáticos;

³ Disponível em: <https://www.instagram.com/webconcib/>. Acesso em: 02 jun. 2021.

Realização de pesquisas e produção intelectual; Organização de exposições e eventos; Desenvolvimento de projetos e ações de extensão; Ampliação das atuações da Biblioteca Universitária. (CIDAD, 2020, não paginado).

Assim, uma das iniciativas sugeridas, que também converge com as já apresentadas neste trabalho, é a organização de exposições e eventos, que vem a ser uma ação muito potente para o combate à desinformação, pois contribui não só para a formação acadêmica, como ainda para a sociocultural. As exposições transformam a realidade e contribuem para o conhecimento do público da biblioteca, além da sociabilidade.

A Biblioteca da Universidade Feevale, localizada em Novo Hamburgo, RS, promove diversas exposições direcionadas ao combate à desinformação. As exposições podem trazer assuntos culturais e sociais, como é o caso da exposição Infâncias, Violências e Mídias, que dialoga com o público visitante a partir da exposição de itens, reportagens e até uma televisão que reproduzia matérias televisas sobre os abusos.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Bibliotecas são um espaço de confiança informacional. Nelas, as pessoas buscam informações confiáveis, auxílio de profissionais competentes e aprendizagem. Então, promover ações para a educação para a informação que visem o combate à desinformação, torna-se imprescindível em uma sociedade que vive nesse contexto.

Neste trabalho, destacou-se algumas iniciativas neste sentido, a exemplo da mediação da informação utilitária (a exemplo o auxílio emergencial); apoio à compreensão da informação pública em ações coerentes com o direito à informação; promoção de competências infocomunicacionais; educação para a informação e neste sentido com diversos canais e meios: exposições, mídias sociais, cursos, *lives*, tutoriais, eventos, desenvolvimento de materiais didáticos, entre outros.

Conclui-se que as bibliotecas universitárias podem se constituir em um dispositivo social de combate à desinformação e os bibliotecários são os agentes mediadores do processo de educação para a informação.

REFERÊNCIAS

AMARAL, F. V.; CORREA, E. C. D. Contribuições da Biblioteconomia e Ciência da Informação para a gestão de bibliotecas universitárias. **RDBCi: Rev. Dig. Biblio. e Ci. Info**, Campinas, SP, v. 18, p. 1-16, 2020. Disponível em:

<https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/rdbci/article/view/8659172/22415>. Acesso em: 22 mar. 2021.

BEZERRA, A. C.; BELONI, A. Os sentidos da “crítica” nos estudos de competência em informação. **Em Questão**, Porto Alegre, v. 25, n. 2, p. 208-228, maio/ago. 2019. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/EmQuestao/article/view/82243/51982>. Acesso em: 02 jun. 2021.

BIBLIOTECONOMIA social. [Porto Alegre, RS: UFRGS], 2020. 1 vídeo (68 min). Publicado pelo canal InfoCom. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=5AQDR1b3epl>. Acesso em: 16 maio 2021.

BORGES, J. Competências infocomunicacionais: estrutura conceitual e indicadores de avaliação. **Inf. & Soc.**, João Pessoa, v. 28, n. 1, p. 123-140, jan./abr. 2018. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/ojs2/index.php/ies/article/view/38289/19699>. Acesso em: 02 jun. 2021.

BORGES, J.; OLIVEIRA, L. Competências infocomunicacionais em ambientes digitais. **OBS***, Portugal, v. 5, n. 4, 2011. Disponível em: <http://obs.obercom.pt/index.php/obs/article/view/508/460>. Acesso em: 14 jun. 2021.

CIDAD. **Comissão de Confiabilidade Informacional e Combate à Desinformação no Ambiente Digital**. 2021. Disponível em: <https://cidad.bu.ufsc.br/>. Acesso em: 14 jun. 2021.

CRUZ, F. B. *Fake news* definem uma eleição? In: BARBOSA, M. **Pós-verdade e fake news**: reflexões sobre a guerra de narrativas. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

D’ANCONA, M. **Pós-verdade**: a nova guerra contra os fatos em tempos de fake news. Barueri, SP: Faro Editorial, 2018.

DEMO, P. Ambivalências da sociedade da informação. **Ci. Inf.**, Brasília, v. 29, n. 2, p. 37-42, maio/ago. 2000. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ci/v29n2/a05v29n2>. Acesso em: 03 jan. 2020.

FALLIS, D. What is disinformation? **Library Trends**, [s. l.], v. 63, n. 3, p. 401-426, 2015. Disponível em: <https://www.ideals.illinois.edu/bitstream/handle/2142/89818/63.3.fallis.pdf?sequence=2>. Acesso em: 02 jun. 2021.

FERREIRA, L. S. **Bibliotecas universitárias brasileiras**: análise de estruturas centralizadas e descentralizadas. São Paulo: Pioneira; Brasília, DF: INL, 1980.

HELLER, B.; JACOBI, G.; BORGES, J. Por uma compreensão da desinformação sob a perspectiva da Ciência da Informação. **Ciência da Informação**, Brasília, 2020. Disponível em: <http://revista.ibict.br/ciinf/article/view/5196/5254>. Acesso em: 02 jun. 2021.

HOLMES, X. How libraries are reinventing themselves to fight fake news. **Forbes**, 10. apr. 2018. Disponível em: <https://www.forbes.com/sites/ryanholmes/2018/04/10/how-libraries-are-reinventing-themselves-to-fight-fake-news/#219ef6c3fd16>. Acesso em: 02 jun. 2021.

INFOCOM UFRGS. [Página do Instagram do Grupo de Pesquisa InfoCom]. 2020. Disponível em: <https://www.instagram.com/infocomufrgs/>. Acesso em: 20 ago. 2021.

KAKUTANI, M. **A morte da verdade**: notas sobre a mentira na era Trump. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2018.

MILANESI, L. **O que é biblioteca**. São Paulo: Brasiliense, 1983. (Coleção Primeiros Passos)

MORIGI, V. J.; SOUTO, L. R. Entre o passo e o presente: as visões de biblioteca no mundo contemporâneo. **Revista ACB**, Florianópolis, v. 10, n. 2, 2005. Disponível em:

<https://revista.acb.org.br/racb/article/view/432/551>. Acesso em: 22 mar. 2021.

O DIREITO de compreender. Porto, Portugal: TEDxO'Porto, 2011. 1 vídeo (15 min). Publicado pelo canal TEDxO'Porto. Disponível em:

https://www.ted.com/talks/sandra_fisher_martins_the_right_to_understand?language=pt-br.

Acesso em: 16 maio 2021.

PERROTTI, E.; PIERRUCCINI, I. Infoeducação: saberes e fazeres da contemporaneidade. *In*: LARA, M. L. G.; FUJINO, A.; NORONHA, D. P. **Informação e Contemporaneidade**: perspectivas. Recife: Néctar, 2007.

SENADO FEDERAL. Mais de 80% dos brasileiros acreditam que redes sociais influenciam muito a opinião das pessoas. **Data Senado**, Brasília, 10 dez. 2019. Disponível em:

<https://www12.senado.leg.br/institucional/datasenado/publicacaodatasenado?id=mais-de-80-dos-brasileiros-acreditam-que-redes-sociais-influenciam-muito-a-opinio-das-pessoas>. Acesso em: 02 jun. 2021.

WARDLE, C. 6 types of misinformation circulated this election season. **Columbia Journalism Review**, 18 nov. 2016. Disponível em: https://www.cjr.org/tow_center/6_types_election_fake_news.php.

Acesso em: 02 out. 2020.

WOLTON, D. **Informar não é comunicar**. Porto Alegre, RS: Sulina, 2010.